

17. Setembro

proletários de todos os países , uni-vos!

**OS DESBRAVADORES
«EM RODAGEM»
DA EDE — «MRPP»**

**O «PODER DUPLO»
— UMA ABERRAÇÃO TROTSKISTA
PERFILADA PELO «MRPP»**



EDIÇÕES DO PARTIDO
1973

323 (469)
« 1973 »
PAR

CD25A

"Os Desbravadores 'em Rodagem' da EDE-
-MRPP" é um dos capítulos do Manifesto
do PCP (m-1) "Abaixo o Oportunismo em To-
das as Suas Formas! Viva o Marxismo-Leni-
nismo!", que faz o balanço da luta contra
o oportunismo da maioria das organizações
pretensamente anti-revisionistas, nomeada-
mente dos "vanguardistas", dos "bolchevis-
tas", do "MRPP", da "URML" e da "RPAC".

Dado o interesse particular que este
capítulo apresenta, resolvemos publicá-lo
em brochura à parte.

INDICE

OS DESBRAVADORES "EM RODAGEM" DA EDE-"MRPP"	5
1.- Do revisionismo moderno (reformista) ao neo-revisionismo radical	5
2.- Contestadores da missão do CM-LP	7
3.- A frente a dar origem ao Partido	9
4.- "Travestis" envergonhados	11
5.- Os charlatões da "dialéctica"	13
6.- Desbravadores de terras desbravadas	15
7.- Fracos na imaginação ou macacos de imitação	18
8.- Reorganizadores dum partido "revisionista"(?!)	20
9.- A versão neo-revisionista do "grande partido nacional" de Cunhal	21
10.- Espontaneístas no movimento de massas	24
11.- Espontaneístas na reorganização do Partido	28
12.- O crepúsculo da "teorização" dos "reorganiza-tivos"	31
O "PODER DUPLO" — Uma aberração trotskista perfi-lhada pelo "MRPP"	35



N.º 3002

0.- Introdução

Outro agrupamento oportunista e provocador que se apresenta como "marxista-leninista" é o chamado "movimento reorganizativo do partido do proletariado" ("MRPP"). Esta é a nova roupagem "revolucionária" envergada pela antiga "Esquerda Democrática Estudantil" (EDE), agrupamento trotskista que surgiu como uma espécie de dejecto do partido do Cunhal. Sobre estes oportunistas foram publicados os textos "Resposta à Manobra Provocatória da EDE", Comunicado da Comissão Executiva da UEC (m-1), em Julho de 1970, publicado em "Servir o Povo", nº 4; e "Sobre uma Manobra de Diversão", Comunicado do Comité Executivo do CM-LP, em Março de 1971, publicado em "Estrela Vermelha", nº 8. Vamos em primeiro lugar referir-nos às peripécias destes oportunistas durante a existência da EDE e, em seguida, tratar o oportunismo em que caem depois de adoptarem as vestes do "marxismo-leninismo" e do "maoísmo".

1.- Do revisionismo moderno (reformista) ao neo-revisionismo radical

Como é do conhecimento público, sobretudo nos meios estudantis, a EDE surgiu como uma espécie de dejecto do partido revisionista de Cunhal. Composta inicialmente de castrietas e guevaristas, de jovens ainda esperançados na "luta por dentro" para mudar a orientação geral do partido

revisionista, e de ecléticos defensores da utópica unidade de "esquerda" (que envolveria os comunistas e os revisionistas), sem qualquer coesão interna, como o demonstra a saída de comunicados contraditórios, durante muito tempo a acção da EDE não saiu fora da órbita e da linha e palavras de ordem fundamentais da direcção revisionista, o que pode ser verificado através da leitura da sua propaganda até ao período "eleitoral" de 1969. Os documentos da EDE desse período, apesar de terem algumas referências à luta revolucionária anti-imperialista e antifascista e alguns ataques aos sectores mais direitistas da "oposição democrática" burguesa, não contém um único ataque ao revisionismo moderno e o seu conteúdo fundamental integra-se perfeitamente na linha de unidade "antimonopolista" e democrático-burguesa de Cunhal.

É de particular importância salientar o comportamento da EDE nas "eleições" de deputados de 1969. Desde o período de aparecimento das comissões promotoras de voto, nunca a EDE desenvolveu nenhuma acção de desmascaramento da linha legalista e eleitoralista da direcção revisionista do P"CC"IP, limitando-se a atacar o grupo de Mário Soares (CEUD e ASP), apoiou a vergonhosa acção reformista, contra-revolucionária e colaboracionista da CDE de Lisboa (como o demonstra, tanto tempo depois, o seu documento nº11, no qual se exclui certas CDEs da actuação eleitoralista) e fugiu sempre a tomar posições sobre a questão fundamental da ida às urnas. Em contrapartida, durante todo esse período não deixou de atacar a propaganda levada a cabo pelo CM-LP contra o aproveitamento oportunista e contra-revolucionário das "eleições" fascistas feito por toda a "oposição democrática" burguesa. Num dos seus documentos, usando os mesmos argumentos e chavões do "Avante!", os dirigentes da EDE acusam de sectarismo aqueles que lançam a palavra de ordem "Não às urnas" (isto é, o CM-LP).

Porém, o que não deixa de ser interessante registar é que, logo após as "eleições", a EDE aparece a defender que não se devia ir às urnas, sem reconhecer o seu papel reacccionário nesta questão e a justeza da posição daqueles contra quem tinha virado a lança principal dos seus ataques. Evidentemente, perante o peso das abstenções e devido à grande bancarrota da linha oportunista nas "eleições", os dirigentes da EDE tinham que se adaptar à nova situação, tinham que arranjar uma nova fachada.

A crescente oposição de várias camadas à linha e às posições reformistas de Cunhal, facto que se acentua consi-

deravelmente após as "eleições", obriga os dirigentes da EDE a apresentarem esta como uma organização situada no campo anti-reformista.

Mas se a EDE passou, após as "eleições", a aparecer com a fachada do anti-reformismo, as suas posições tiveram sempre um carácter dúbio e eclético e sobre algumas questões fundamentais elas foram abertamente antileninistas. As críticas ao partido revisionista, na maior parte das vezes e durante muito tempo, não passaram de críticas parciais, indirectas e tímidas. Fugiram sempre a tomar posições claras sobre questões fundamentais do marxismo-leninismo. Omitiram a sua opinião sobre as divergências de princípio que opuseram no seio do movimento comunista internacional os verdadeiros marxistas-leninistas aos revisionistas modernos, muito menos se referiram às novas formas de revisionismo (castrismo, guevarismo, etc.), não tomaram posição sobre o problema de Stáline e escamotearam a questão da aliança operário-camponesa, pondo-a ao nível de alianças com sectores da pequena burguesia.

A caracterizar bem a natureza das suas posições e a sua fuga às questões de fundo está a sua posição sobre o maoísmo expressa no documento nº 11. Em vez de considerarem (ou não) o maoísmo como o marxismo-leninismo da nossa época, esses oportunistas limitaram-se a afirmar que não negam o contributo de Mao Tsetung à revolução chinesa e à revolução mundial, como o faria qualquer Silva Marques ou Santiago Carrilho.

Vacilar num ponto ou noutro, deixar sem resposta uma ou outra questão errada defendida por um grupo com o fim de lhe agradar e recrutar pessoas com esses desvios, eis no que consiste o abandono dos princípios, o abandono da defesa dos interesses superiores da classe operária e da sua luta revolucionária, o abandono da unidade real dos comunistas em troca do oportunismo da pequena-burguesia e da sua linha cisionista. A melhor ilustração desta luta desesperada da pequena-burguesia para impedir a unidade dos comunistas na base do marxismo-leninismo encontramo-la na actuação dos promotores da EDE-"MRPP" que não poderão deixar de passar à história como perigosos inimigos da classe operária portuguesa.

2.- Contestadores da missão do CM-LP

Centristas nas posições políticas que tomam, os oportu-

nistas da EDE não poderiam, evidentemente, estar de acordo com o marxismo-leninismo nem com quem, desde 1964, o defendeu em Portugal — o CM-LP. Daí, o facto de rotularem o CM-LP de "dogmático", "inexistente", ou de o tentarem confundir com a sua organização estudantil, a União dos Estudantes Comunistas (marxista-leninista). A sua posição geral é de não reconhecerem a nenhuma das organizações existentes em Portugal a capacidade de levar para a frente a reorganização do Partido: "As correntes que se reivindicam do marxismo-leninismo não têm manifestamente dado provas de maturidade teórica e organizativa que permitam encará-las seriamente como embriões duma nova vanguarda" (Doc. nº 11, pág. 12).

Os dirigentes da EDE pretendem, como se pode ver, "contestar" a tarefa de reorganização do Partido marxista-leninista ao CM-LP, pretendem negar-lhe essa função. As "razões" que apresentam para uma tal "contestação" não dizem respeito à própria natureza política do CM-LP, aos princípios básicos que este defende, ao seu carácter de classe. Os dirigentes da EDE, fugindo à tomar posição (ou a defini-la melhor para a tornar clara) sobre questões fundamentais que opõem hoje os marxistas-leninistas a todas as correntes revisionistas, não se referem às posições do CM-LP relativas ao Movimento Comunista Internacional, à sua linha política revolucionária, aos princípios leninistas de organização que ele defende, não se referem à luta ideológica que o CM-LP travou pela separação nítida dos princípios básicos do marxismo-leninismo de todas as variantes revisionistas em que chafurdam todos esses grupos que os dirigentes da EDE incluem na "extrema-esquerda".

Consideram, implicitamente, o CM-LP um grupo marxista-leninista entre outros, todos desinseridos das massas... Entiam no mesmo saco, com os rótulos de "marxista-leninista" ou de várias "tendências" (ou "correntes") da "extrema-esquerda", o CM-LP, e grupos como "A Vanguarda", os "Comités Comunistas Revolucionários", etc., escamoteando o facto de que essas tendências encerram antagonismos, de que entre o CM-LP e todos esses grupos há divergências de princípios.

Misturando o CM-LP com todos esses agrupamentos políticos pequeno-burgueses, que foram expulsos da organização marxista-leninista portuguesa por desviacionismo e por sabotarem o trabalho de reorganização do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), apresentam como "razões" que provariam a incapacidade dos marxistas-leninistas em reorganizar o Partido Comunista, as "fracções", "cisões" e depurações verificadas no seio da organização marxista-leninista portuguesa, a não inserção nas massas das várias

"correntes marxistas-leninistas" e a "fraqueza" teórica dos seus documentos.

Quanto às depurações, que na realidade as houve no CM-LP, foi-lhes notado, na altura, que uma organização marxista-leninista não se enfraquece quando se depura dos elementos oportunistas, mas sim se fortalece. Ao contrário do que poderia parecer, ao ler-se o Documento nº 11 da EDE, os seus dirigentes negam a tarefa revolucionária do CM-LP, exactamente porque este não admite no seu seio fracções nem várias tendências ditas de "extrema-esquerda". Se o CM-LP, em vez de se ter depurado dos oportunistas infiltrados nele, admitisse no seu seio todas essas fatias "leninistas" e colocasse em lugares de direcção elementos desses grupos oportunistas, os dirigentes da EDE então já não lhe atribuiriam incapacidades para reorganizar o partido "operário".

Quanto à questão da ligação às massas, foi-lhes respondido que o carácter de classe duma organização política se define essencialmente pela ideologia que perfilha e pelas posições políticas que defende e não porque ela, em determinado momento, está ou não enraizada nas massas. Isto não contraria, evidentemente, o facto de que só um partido comunista possuindo uma linha política justa pode vir a conseguir um efectivo apoio nas massas para uma luta revolucionária proletária. Ou quem está certo é quem está ligado às massas? Então nesse caso os revisionistas italianos seriam os melhores...

E quanto à "pobreza teórica" da imprensa do CM-LP, fez-se-lhes notar que ela contém, duma maneira clara, o que é essencial para definir a linha duma organização marxista-leninista, e não malabarismos com palavras e frases ocas e "finas" que escamoteiam as questões fundamentais do marxismo-leninismo, como fazem os dirigentes da EDE para mascararem as suas posições oportunistas.

3.- A frente a dar origem ao Partido

Os oportunistas da EDE falavam em partido de vanguarda de facto. Mas, na realidade, quer pelo modo como concebiam a sua formação, quer como o concebiam a ele próprio, tratava-se dum partido de tendências e fracções, um partido salada-russa, e nunca um partido de vanguarda.

Para eles deixou de haver uma ideologia proletária, que passou a ser substituída pela "ideologia da extrema-esquerda" (Doc. nº 11, p. 17). Essa ideologia, segundo esses oportunistas, permitiria unir numa frente revolucionária estudantes, militares, operários, camponeses pobres, empre-

gados, etc. E, então, no meio dessa confusão toda, erguer-se-iam "os embriões do novo Partido Comunista" (Doc. nº 11, p. 16). Que é isto senão a doutrina castrista-trotskista do partido? Com efeito, a teoria leninista do partido diz-nos exactamente o contrário: organizar primeiro o partido da classe operária, destacamento organizado de vanguarda, e só em seguida, por iniciativa e sob a direcção do partido, formar a frente em que entram as classes e camadas revolucionárias não proletárias, assim como os elementos não avançados do proletariado.

Na "Frente de Acção Revolucionária" dos oportunistas da EDE, constituída pela união das plataformas "revolucionárias" dos estudantes, militares, empregados, etc. — portanto uma frente em que estariam incluídos não só os operários mas também os seus aliados pequeno-burgueses, na qual estariam reunidas todas essas correntes da "extrema-esquerda" antileninista (trotskistas, castristas, internacional-situacionistas, etc.) — predominaria inevitavelmente o elemento pequeno-burguês. Era daí que os oportunistas da EDE pretendiam formar o partido "operário", ou seja, um partido dirigido pela burguesia.

Os oportunistas da EDE, não querendo reconhecer o carácter de vanguarda do marxismo-leninismo, negam tudo e todos, imputam deficiências a tudo e todos, para, em seguida, avançarem a sua teoria de "coordenação dos esforços das várias tendências políticas" (Doc. nº 11, p. 16) "para o aparecimento dum novo Partido Revolucionário" (idem). Partido revolucionário, partido comunista — palavras usadas por eles indistintamente — tendo na base "várias tendências políticas"!!!

Que justificação apresentam eles para a necessidade de passarem por essa "frente" antes de criarem o partido "comunista" de "ideologia revolucionária" com "várias tendências políticas"? É que, dizem os pobres aprendizes estudantes da "esquerda democrática", precisam de fazer uma "rodagem política, não unicamente no seio dos estudantes, mas, e principalmente, no seio da classe operária" (idem). Ora aqui temos as aspirações destes "desbravadores" de teorias oportunistas: em "rodagem" no meio da classe operária a servir-lhe as suas podres teorias.

4.- "Travestis" envergonhados

Já vimos o que constitui, politicamente, a EDE. Todas as suas posições políticas não seriam para espantar, dada a natureza burguesa e pequeno-burguesa do meio estudantil. Dizemos isto, ao mesmo tempo que, evidentemente, combatemos as posições políticas desses oportunistas, que, aliás, não cessavam de recuar em seguida a cada golpe que lhes assé-távamos na luta ideológica. Porém, não podendo recuar mais no mero campo das ecléticas posições da chamada "extrema-esquerda", a menina estudante EDE veste-se de operário. Em Dezembro de 1970, passa a chamar-se "Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado" ("MRPP") e proclama-se num repente espantoso, "marxista-leninista", "maoista", e não sabemos mais quê.

Nós admitimos, naturalmente, que pessoas que trilham um caminho erróneo o reconheçam e venham a aderir ao marxismo-leninismo. Mas aquilo que temos direito de exigir como prova de sinceridade é que essas pessoas comecem por se autocriticar do prejuízo que causaram ao movimento revolucionário com as suas "teorias" pequeno-burguesas. (1) Se essa autocritica não aparece, como o PCP (m-l) já assinalou, só podemos concluir que estamos, não perante revolucionários sinceros que fazem a sua aprendizagem, mas sim ante oportunistas que, quando vêem afundadas as suas "teorias" oportunistas, se vestem com outros trajes para melhor enganar os desprevenidos. É precisamente o caso dos promotores da EDE-"MRPP".

Mas, como seria de esperar, envergonhados, estes "travestis" aparecem-nos a negar a sua origem de menina estudante EDE. Dizem que o CM-LP mente ao afirmar isto e que "leva essa mentira ao ponto de pôr isso entre aspas", segundo eles, dada a "triste incapacidade de argumentação política" do CM-LP (introdução à recolha de textos - Janeiro de 1972). É por demais sabido que o PCP (m-l), e anteriormente o CM-LP, é o único que, na luta que hoje se trava em Portugal pela direcção do movimento operário, recorre efectiva e sistematicamente à argumentação política. Também é claro que a tristeza de incapacidade ideológica existe nos "desbravadores" do oportunismo "em rodagem" e noutros seus colegas que procuram transformar o movimento operário e o movimento antifascista numa autêntica balbúrdia. E, já que negam ser a EDE vestida de operário "reorganizativo", vamos às provas,

Há uma série de factos que, se não os consideramos como provas, pelo menos são "coincidências" daquelas muito raras. Por exemplo, o vocabulário (2) dos documentos da EDE é o mesmo de "Bandeira Vermelha", órgão do "MRPP": palavras como "escleroso" e outras destapam o rabo do gato. Outra que, repetimos, não consideramos prova, mas que denuncia o dactilógrafo maquinizado é ter aparecido em "Luta Popular" a frase "Viva a MRPP" (nº7, p.7). Onde estaria o seu pensamento para o dedó lhe fugir de o para a? E ainda outra "coincidência": a EDE e o "MRPP" fazem citações da mesma, da muito rara edição francesa de 1946 do livro de J.Stáline "Os Princípios do Leninismo". Tudo isto poderiam ser meras coincidências, não há dúvida. Mas o caso é que estes factos se juntam a outros que constituem provas irrefutáveis.

A primeira prova irrefutável é esta: os documentos da EDE, a brochura da EDE que a seguir referiremos e o panfleto do "MRPP" distribuído juntamente com o nº 1 de "Bandeira Vermelha" foram escritos com a mesma máquina. Além de ter exactamente o mesmo espaço e o mesmo tipo e corpo de caracteres (o que poderia ser mais uma coincidência...), a escrita tem as mesmas taras: m mais abaixo que a linha média das restantes letras, i mais acima, hífen acima do meio das minúsculas, hífen e traço inferior ascendentes da esquerda para a direita, acento agudo e til adiantados em relação às letras, etc., etc.

A segunda prova irrefutável é esta: foi publicada uma brochura com a mesma máquina da EDE e do "MRPP" (portanto a brochura não pode ter sido forjada por nós nem por ninguém) que apresenta a EDE como "destacamento estudantil do movimento reorganizativo do Partido do Proletariado". A brochura diz nomeadamente: "edições LUTA POPULAR da E.D.E."; "edições LUTA POPULAR da E.D.E. destacamento estudantil do movimento reorganizativo do Partido do Proletariado"; "Este texto foi extraído do jornal francês 'LA CAUSE DU PEUPLE (Jornal comunista révolutionnaire prolétarien)' nº 26 de 10 de Julho de 1970" (refere-se ao texto publicado nessa brochura); "O COMITE LENINE (órgão central do movimento reorganizativo do Partido do Proletariado Português) na sua Decisão...", etc.

Com estas provas irrefutáveis, de que valem os desmentidos dos "travestis" envergonhados? Os factos só os desmascaram cada vez mais. Os promotores da EDE-"MRPP" não podem mais fazer-se passar por "marxistas-leninistas" e esconder aquilo que declaradamente foram: inimigos activos do marxismo-leninismo. Aliás não é preciso ser grande observador para ver que o Doc. nº 11 da EDE anuncia clara-

mente a aparição do "MRPP", chamado af "movimento reorganizado da extrema-esquerda" (pág. 17). Esse Documento é uma espécie de fecho da actividade da EDE, ou melhor, prepara o terreno para adoptar as vestes do "marxismo-leninismo" e do "maoismo". Isto, dizem-no na pág. 13, e até na linguagem se percebe: "há que ousar lutar". "Ousemos lutar pela reorganização da Vanguarda Operária" (p. 15), escrevem eles no Documento da EDE: "Ousámos começar, ousaremos triunfar", escrevem no editorial de "Bandeira Vermelha". Só não vê quem não quer ver, e só nega quem não possui traços de vergonha.

5.- Os charlatões da "dialéctica"

É conhecido o facto dos oportunistas se armarem em grandes teóricos com o objectivo de atirarem poeira para os olhos dos incautos. Já os mencheviques russos, para esconderem o seu oportunismo, lançavam para a frente os seus "aprofundamentos", como Lênine sublinha em "Duas Tácticas". Já os "vanguardistas", como vimos (3), nos brindavam com os seus "aprofundamentos". E agora, eis que chegam os "aprofundadores" da EDE-"MRPP", a lançar poeira para os olhos, apresentando-se como genuínos marxistas, que dominam a dialéctica, contra o que apelidam de "dogmatismo", naturalmente dos outros, particularmente do PCP (m-l).

Pretensões não faltam. Propõem-se fazer um "estudo sistemático e profundo da realidade actual", um "estudo organizado e científico da história de Portugal desde o advento do capitalismo", e "um estudo do marxismo-leninismo à luz do princípio da relação dialéctica entre a teoria e a prática" (B.V. nº 1, p. 1); em "A Situação Actual" falam de "aprofundado conhecimento", e, no "Guarda Vermelha", de "linha de massas realmente dialéctica", etc., etc. Quem lê estas frases tão pomposas, só pode concluir que está perante grandes "aprofundadores". Mas não tardará em descobrir a qualidade de tais "aprofundamentos".

O mais interessante de todos os "aprofundamentos", que merecia uma moldura, é descobrirem que a base social do movimento operário é a classe operária (B.V. nº 1, p. 4). Digam-nos, digam-nos lá, qual era a cor do cavalo branco de D. Afonso Henriques?

O paleio destes fala-barato está bem patente na sua imprensa. Em "Luta Popular" nº 4, p. 3, depois de se referirem aos estudantes (onde há elementos de origens sociais diferentes), sem jamais terem falado em pequena burguesia

inferior, referem-se em seguida a "outras camadas inferiores da pequena burguesia". Então os estudantes ^{percebem} às camadas inferiores da pequena burguesia? Este é o seu estudo "sistemático e profundo" da realidade.

Em "Bandeira Vermelha" nº1, p.15, afirmam: "Mas a revolução, além de democrática, é também popular, o que significa que deve ser conduzida pelo proletariado e pelas massas populares" (...). Primeiro grande "aprofundamento": o carácter popular de uma revolução, para os "reorganizativos", é dado pela sua direcção proletária (por esse raciocínio, os movimentos de libertação nacional dirigidos pela burguesia não seriam populares). Segundo grande "aprofundamento": para os "reorganizativos" do oportunismo "em rodagem" a revolução democrática-popular tem várias classes a dirigi-la — o proletariado e as restantes "massas populares" (semiproletariado, pequena burguesia inferior). É caso para se lhes perguntar que socialismo querem eles sem ser o proletariado sózinho a dirigir a revolução.

A charlatanice continua. Apreciando a linha do partido revisionista de Cunhal, afirmam que "a linha da 'revolução democrática-nacional' (...) passa a substituir o 'levantamento nacional' como lema estratégico" (idem, p. 13). Os "reorganizativos" ainda não perceberam que, para Cunhal, a "revolução democrática-nacional" é a etapa, e o "levantamento nacional" é a via para a "revolução" cunhalista, e que, portanto, não se substituem. É este mais um "estudo organizado e científico da história de Portugal".

O seu jornal "Luta Popular" nº1 começa logo com uma grande inovação histórica: o movimento de libertação nacional de Angola, Guiné e Moçambique é colocado por eles "nas primeiras fileiras da revolução mundial proletária" (sublinhado por nós). Esta posição trotskista não tem em conta o conteúdo da revolução nesses países, e apaga as etapas da revolução em cada país e os diferentes graus de maturidade da revolução de país para país.

Como é sabido, toda a ideologia tem um carácter de classe e a ideologia das massas trabalhadoras é actualmente a ideologia dominante, ou seja a ideologia burguesa. É a classe operária que, através do seu Partido de vanguarda, luta no seio das massas trabalhadoras contra a ideologia burguesa, dominante, e pela vitória da sua ideologia, a ideologia proletária. Pois bem, os "aprofundadores" descobriram um novo fenómeno: as "lutas ideológicas" do "povo trabalhador" (L.P. nº 4, p. 6).

O seu conhecimento "sistemático e profundo" da realidade

de está igualmente bem patente na afirmação segundo a qual "a concentração do capital e do trabalho" teria sido "processada especialmente com o início da década de 60" ("Guarda Vermelha" nº 1, p.2), quando toda a gente sabe que esse processo de concentração capitalista em Portugal é anterior a 1960, e acentua-se a partir da 2ª Grande Guerra. "Especialmente", pode dizer-se a partir de qualquer momento, dado que se trata dum processo que se acentua cada vez mais que com isso se defina o carácter da evolução do capitalismo em Portugal.

Eis aqui uma série de exemplos que ilustram bem o charlatanismo daqueles que, sob a cobertura de frases cheias de "dialéctica" e "profundidade", nos oferecem os mais originais disparates e verdades de La Palisse. Tal como os mencheviques, os "vanguardistas" e o oportunista Tiago, os "reorganizativos" refugiam-se na demagogia dos grandes "aprofundamentos", na frase oca e sonora, com o objectivo de porem os incautos de boca aberta perante tamanha "ciência". Os seus documentos, como "A Situação Actual", com todo o ar de "análise", não passam duma recolha eclética de lugares-comuns, pescados aqui e ali, misturados com umas tantas tiradas próprias, é verdade, mas espontaneístas. Por mais verniz "dialéctico" que os "reorganizativos" usem para empastar o seu palácio, não conseguirão encobrir o oportunismo que o caracteriza.

6.- Desbravadores de terras desbravadas

Os "marxistas-leninistas" serôdios aparecem repentina e súbitamente na cena política portuguesa, pois antes andaram a "desbravar" o caminho que havia de conduzi-los ao "marxismo-leninismo". A actividade da EDE foi, como vimos, dirigida contra o marxismo-leninismo, consistiu em propagar as mais variadas teorias antileninistas. E, depois de se vestir de operário, a EDE-"MRPP", agora sob a cobertura do "marxismo-leninismo", não cessa de o combater. Foi e é esta a actividade dos seus promotores. Que estranha forma de desbravar terras semeando ervas daninhas!

O mais curioso é que eles se apresentam como desbravadores de terras já desbravadas, ou seja, pretendem ser os pioneiros do marxismo-leninismo em Portugal, depois do que chamam o "falhanço de todas as tentativas para superar re-

volucionariamente o domínio reformista-revisionista" (B.V. nº1, p.1). É o cúmulo da hipocrisia. Eles que foram inimigos declarados do marxismo-leninismo, enquanto defensores do revisionismo moderno, eles que apontaram os "pró-chineses" a dedo, eles que, enquanto "desbravadores" "em rodagem", fizeram a apologia de teorias espontaneístas e trotskistas contra o marxismo-leninismo, eles que, depois de se disfarçarem de operários em Dezembro de 1970, continuam a propagar, embora menos descaradamente, teorias antileninistas, vêm agora armar-se em pioneiros! E o que serão aqueles que, desde 1964, vieram lutando quer contra a repressão especialmente dirigida contra si, quer contra as denúncias dos revisionistas de Cunhal (entre os quais se encontravam activos muitos dos agora "marxistas-leninistas"), quer contra as teorias trotskistas da EDE? Que serão aqueles que, organizados no CM-LP, vieram lutando contra a traição revisionista e pela reconstrução do Partido sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo, aqueles que levaram a cabo essa mesma reorganização precisamente na altura em que esses ~~meninos~~ resolveram armar-se em "reorganizativos"? O julgamento que fazem da actividade dos marxistas-leninistas portugueses desde 1964 é o que vamos ver em seguida.

Como já foi indicado na análise da actividade do CM-LP desde a sua fundação em 1964 até à sua dissolução pelo V Congresso (reconstitutivo) do PCP (m-1) em 1970, aquele, tendo os seus erros, teve também os seus méritos. Mais, embora prejudicada pela actividade da FAP, a actividade principal dos marxistas-leninistas portugueses dentro do CM-LP consistiu na definição da estratégia da revolução em Portugal, no desmascaramento do revisionismo de Cunhal e na organização independente dos comunistas portugueses. Mas os "reorganizativos" de 1970, na apreciação que fazem deste período, são bastante hábeis. Para se apresentarem hoje como pioneiros, omitem, pura e simplesmente, a existência do CM-LP (que até combatiam) e referem-se exclusivamente à FAP. Falsificadores da realidade, referem-se à FAP como uma "tentativa frustrada duma cisão revolucionária no interior do PCP" (B.V. nº1, p.12), quando essa tentativa que eles consideram "frustrada" foi do CM-LP e não da FAP. Falsificadores da realidade, dizem que a tentativa de reorganização do Partido pelo CM-LP (eles escrevem pela FAP...) foi "frustrada" para poderem agora aparecer como os autênticos descobridores do marxismo-leninismo. Falsificadores

da realidade, dizem que foi a imprensa da FAP que procedeu à "desmontagem ideológica" do revisionismo de Cunhal, (idem, p.13), quando afinal essa tarefa coube sim à imprensa do CM-LP (ao seu órgão teórico, então chamado "Revolução Popular"), isto tudo com o objectivo de ignorarem a existência do CM-LP e se fazerem passar, em Dezembro de 1970, por pioneiros do marxismo-leninismo. Como se vê, estes "desbravadores" chegam encontrando já as terras desbravadas e dizem: somos nós os desbravadores. E o mais estranho é que, logo no nº1 de "Luta Popular", apenas tendo anteriormente publicado um único número de "Bandeira Vermelha" e o folheto "A Situação Actual", consideram já "desmascarada no essencial a traição revisionista e oportunista". Tendo sido eles a "desbravar", não há dúvida que conseguiram desbravar tudo em duas penadas! Eis, pois, mais um exemplo de pura charlatanice.

Que outros factores apresentam eles como os tendo encaminhado em 1970 para aquilo que chamam a "alternativa proletária"?

Em primeiro lugar, escrevem eles, a guerra colonial "criou as condições objectivas, materiais, para viabilizar a opção revolucionária: contribuindo para radicalizar o descontentamento popular", etc. (B.V. nº1, p.12). Quer dizer que, para os "desbravadores", a reorganização do Partido não seria fruto da tomada de consciência da traição revisionista por parte dos comunistas portugueses, analisando a estratégia e a tática de Cunhal, na luta de classes em Portugal, mas sim, de uma tomada de consciência colectiva, que seria fruto da guerra colonial. Conclusão: sem guerra colonial, os "desbravadores" ainda não teriam concluído hoje (admitindo, por um momento, que essa conclusão era sincera) que se tornava imperioso, depois de ter sido liquidado em 1956, reorganizar o Partido Comunista. Isto mostra bastante claramente a origem do "MRPP" nos estudantes anti-imperialista que resolve chamar-se a si própria de "marxista-leninista".

Em segundo lugar, os "desbravadores" citam o "corte do PC da China com o revisionismo soviético" como o factor que teria trazido o fundamento ideológico à linha do CM-LP — chamado FAP, bem entendido (idem). Sem pretendermos de modo algum negar a contribuição do PCC na definição da linha do movimento comunista internacional — contribuição valiosa que o CM-LP sempre sublinhou, que o PCP (m-1) continua a sublinhar e que os "marxistas-leninistas" serôdicos

combateram — não podemos, contudo, permitir tal falsificação da realidade. Com efeito, logo em 1964 e 1965, o CM-LP foi, pelo menos na Europa, das poucas organizações marxistas-leninistas a elaborar uma análise concreta e uma estratégia da revolução no seu país. Partidos e organizações marxistas-leninistas houve que o não fizeram, limitando-se a copiar a linha geral proposta pelo PCC, pelo que, na maioria deles, não foram capazes de resistir às investidas do oportunismo. Para mais, quando, no interior do partido revisionista, surgiram as divergências, os marxistas-leninistas portugueses nem conheciam tão pouco o conteúdo da polémica que opunha o PCC aos revisionistas modernos, o mesmo tendo sucedido no Brasil, ainda mais cedo. Porquê falar então das causas exteriores como decisivas quando afinal as interiores é que o foram? É de perguntarmos também aos nossos "desbravadores" porquê eles demoraram de 1963 a 1970 (7 anos!) a descobrir a verdade das teses do PCC. Desconhecimento? Não acreditamos.

7.- Fracos na imaginação ou macacos de imitação

Os "pioneiros" são inesgotáveis em contradições. Omitindo discretamente a existência do CM-LP, vão, contudo, a ele copiar inúmeros elementos, chegando por vezes a ser ridículos. Linha geral — tomaram a do CM-LP, depois de a terem combatido pela EDE, e apesar de, sem o nomearem directamente, o acusarem de "dogmatismo esclerosado". Contudo, como copiadores que não assimilaram o marxismo (ainda não desbravaram todo o seu oportunismo), eles, ao copiarem, enganam-se inúmeras vezes. Depois, como ecléticos, pescam daqui e dali outras tantas frases e posições políticas. Resulta o que está à vista.

Aos cinco objectivos apontados pela FAP — Liberdade, Paz, Pão, Terra e Independência — vemos juntar pelos "pioneiros" um sinónimo: à palavra Liberdade eles juntam Democracia, cujo significado é o mesmo.

Ao nome do órgão central do CM-LP — hoje do PCP (m-1) —, UNIDADE POPULAR, eles contrapõem "Luta Popular"; ao nome do seu órgão teórico, ESTRELA VERMELHA, eles contrapõem "Bandeira Vermelha"; à União dos Estudantes Comunistas

(marxista-leninista), eles contrapõem a sua "Federação dos Estudantes Marxistas-Leninistas"; por outro lado, já falam em criar um "Socorro Vermelho".

Apesar de considerarem cheio de "dogmatismo esclerosado" o CM-LP, os "desbravadores" vão às suas publicações plagiar frases inteiras. Outras vezes, resumem e juntam palavras extra para disfarçar, fazendo por vezes suceder parágrafos sem ligação alguma. É o que acontece nas páginas 14, 15 e 16 de "Bandeira Vermelha", que não passam, com citações de Lênine e asneiras à mistura (talvez para disfarçar), do resumo de partes do artigo "Luta de Classes ou Unidade de Todos os Portugueses Honrados?", do Projecto de Programa e da sua Introdução. É o que acontece também com o seu jornal "Guarda Vermelha" nº1, que vai copiar a "Servir o Povo" partes do artigo de crítica aos "vanguardistas", e que nem poupou a frase de Stáline que se encontra no cabeçalho de "Servir o Povo": "Os estudantes, que são o grupo mais sensível da sociedade, dão o braço à classe mais revolucionária — o proletariado". (4)

"Unidade Popular" publica a nota "O que é este jornal?". Pois os macacos de imitação, em "Luta Popular", copiam o texto com um descaramento incrível, e põem o título "O que é este jornal, camarada?".

E a imitação descarada não pára. "Estrela Vermelha" é igualmente fonte de inspiração para os "pioneiros". O órgão teórico do PCP (m-l) publica a rubrica "No mundo da luta de classes". Pois os macacos de imitação, no nº1 do seu órgão teórico, "Bandeira Vermelha", anunciam para o número dois (cujas "análises profundas" aguardamos humildemente) a rubrica "A luta de classes em Portugal e no mundo!".

Não é que o PCP (m-l) queira registar as patentes dos títulos de jornais e das ideias, contra as imitações, mas, francamente, é de assinalar que não deixa de ser ridículo que aqueles que dele copiam escandalosamente (o que não quer dizer fielmente, entenda-se bem) venham depois ignorar a sua existência e tratá-lo de "dogmático", "esclerótico" e "superficial".

8. - Reorganizadores dum partido "revisionista" (?!)

Uma tese dos "reorganizativos", esta copiada do oportunista Tiago ou de outro troglodita, é que o Partido Comunista Português teria sido sempre revisionista.

"O proletariado revolucionário no nosso país — escrevem eles — nunca conseguiu tomar nas suas mãos a direcção do combate popular. Este sempre foi dirigido e traído pela direcção revisionista do PCP" (L.P. nº3, p.4).

"Há cinquenta anos ~~quis~~ se esfalta em iludir, enganar e mistificar os trabalhadores do nosso país" (L.P. nº5, p.2).

E, de uma maneira ultracategórica: "a grande massa do proletariado português não está ainda armada dum organização, de um partido que o enquadre e dirija no pleno aproveitamento das excelentes condições de luta existentes. Não está nem nunca o esteve." (G.V. nº1, p.2, sublinhado nosso).

A primeira questão a pôr aos "reorganizativos" é esta: se o Partido Comunista Português sempre foi revisionista, então porque querem vocês reorganizá-lo? Pretendem reorganizar o seu revisionismo? Vocês não deviam falar em reorganizar, mas sim em organizar, pela primeira vez, em Portugal. Não se deviam chamar "Movimento Reorganizativo...", mas "Movimento Organizativo..." Parece ser bastante claro.

Em segundo lugar, será verdade que o Partido Comunista Português sempre foi revisionista? Por várias ocasiões já o PCP (m-1), e antes o CM-LP, marcou a sua posição quanto a este problema. O PCP (m-1) considera-se herdeiro do Partido Comunista Português, liquidado em 1956 pelos revisionistas modernos, com Fogaça e Pedro Soares à cabeça. Depois do afastamento, em 1955, de José Gregório, firme combatente proletário que dirigiu o Partido de 1950 até essa data, os liquidadores aderem em 1956 ao revisionismo moderno ascendente, ~~destruam~~ o PCP como partido comunista e aproveitaram-se das suas organizações, dos seus quadros, do seu prestígio, do seu nome e da sua imprensa para fundarem o seu novo partido revisionista. A este novo partido continuam a aderir comunistas que não se apercebem da profunda transformação política operada. Hoje ainda, embora cada vez em menor escala, isso sucede. O antigo PCP, ~~fundado~~ em 1921,

reorganizado em 1929 e em 1940-41 e liquidado em 1956, foi o Partido da classe operária portuguesa ao qual se devem as conquistas políticas da classe operária. Os seus erros, é certo, ~~na~~ períodos mais que noutros, afastaram-no das massas e da revolução. Mas o balanço da sua história é positivo. Só franganotes acabados de sair da casca do revisionismo moderno, irresponsáveis e desejosos de se exibirem com as suas originalidades "teóricas", podem pretender que o PCP foi sempre revisionista. Aqueles que os "pioneiros" infantis "em rodagem" consideram revisionistas — Militão Ribeiro, Alfredo Dinis, José Gregório e muitos outros ~~em~~ nunca andaram envolvidos com o revisionismo, nem com o titismo nem com o trotskismo, nem com teorias radicais pequeno-burguesas do estilo EDE. Esses grandes dirigentes do proletariado português dariam facilmente lições aos "marxistas-leninistas" seródios.

9.- A versão neo-revisionista do "grande partido nacional" de Cunhal

Não constitui novidade nenhuma, nem ponto de dúvida para qualquer autêntico marxista-leninista, o facto de o partido comunista, o partido de tipo novo, ser constituído pela vanguarda da classe operária. Não é preciso estar-se a fazer citações de Lénine para provar a verdade dita e redita de que o partido comunista é um partido operário e não operário-camponês, ou operário-camponês-estudantil. Contudo, os neo-revisionistas da EDE-"MRPP" resolvem aparecer com esta fórmula direitista para o partido do proletariado. Eles declaram que pretendem no seu "movimento reorganizativo" organizar os "operários e camponeses" (B.V. nº 1, p.3), pois o "Partido 'Comunista' Português não é o partido dos operários e camponeses" (panfleto anexo a B.V. nº 1), e que "é preciso que os operários, camponeses, militares e jovens mais conscientes e combativos unam os seus esforços na reorganização de um grande e forte PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO PORTUGUÊS" (idem). A esta mistura toda no partido do proletariado (?), "Bandeira Vermelha" junta ainda os intelectuais (B.V. nº 1, p.3), o que "Guarda Vermelha" reproduz (G.V. nº 1, p.2).

Qual é a versão cunhalista do partido do proletariado?

A de um "grande partido nacional" que não é de vanguarda da classe operária, mas de toda a gente. Qual é a versão dos neo-revisionistas da EDE-"MRPP"? A dum "grande e forte" partido que não é de vanguarda da classe operária, mas de toda a gente. Os "desbravadores" ainda não acabaram de desbravar as suas concepções oportunistas. Eles ainda não compreenderam que a organização das várias classes e grupos sociais prontos a participar na revolução só pode ser feita na frente e não no partido da classe operária. Eles ainda não compreenderam que a aliança operária - camponesa terá a sua expressão orgânica na frente e não no partido do proletariado. Eles ainda não compreenderam que, apesar do partido do proletariado definir a etapa da revolução e alianças, isso não significa que abra as suas portas às classes com que o proletariado se alia na frente. Eles ainda não compreenderam o carácter de vanguarda do partido leninista. Com o partido que pretendem fazer, nem precisam de frente, pois, partido e frente, para eles, vão dar no mesmo.

Estes oportunistas, que ousam fazer uma crítica à actividade do CM-LP no período da FAP (1964-66), nem compreendem tão pouco em que consistiu o erro fundamental do CM-LP nesse período. Por aqui se vê que as críticas que dirigem à extinta FAP não são críticas com vista a uma análise correcta da sua actividade, mas sim críticas movidas pelo ódio que ainda neles perdura do tempo em que, no partido de Cunhal, a combateram não como comunistas na linha justa mas como revisionista.

Os "científicos" e "dialécticos" da EDE-"MRPP" são pródigos em frases vagas, embora com cobertura de "esquerda", como é habitual na burguesia radical. Assim, falam em "divulgação da teoria revolucionária" (L.P. nº4, p.3), tarefa de que, aliás, incumbem os estudantes... Que quer dizer "teoria revolucionária"? Revolucionária da burguesia ou revolucionária do proletariado? Eles dão a resposta, evidentemente: dos operários, camponeses, estudantes, militares, e mais que há.

As tarefas que atribuem aos "estudantes revolucionários" (sem distinção entre os estudantes comunistas e os não comunistas, note-se) são bem elucidativas do que é a EDE-"MRPP": "Os estudantes revolucionários(...) põem ao serviço da luta popular a sua combatividade e os instrumentos da teoria revolucionária a que, dada a sua posição social, têm mais fácil acesso, são aliados dos operários e camponeses no seu combate; lutam sob a sua direcção." ; (G.V. nº1, p.2). Como se vê, para os "desbravadores" os estudantes vão estar na luta sob a direcção não do partido de ven-



guarda do proletariado, mas dos operários e dos camponeses. Em segundo lugar, os estudantes, em vez de aprenderem junto do partido da classe operária, vão eles ensinar (sob o controle dos alunos!) pois são quem possui os "instrumentos da teoria"! Haverá oportunismo mais descarado do que este? Como é sabido, ser estudante revolucionário pode significar muita coisa pois no seio dos estudantes existem várias correntes políticas revolucionárias, incluindo a marxista-leninista. E mesmo que os "desbravadores" se referissem neste caso aos estudantes marxistas-leninistas, (o que não sucede), apesar do partido comunista forçar quadros de origem estudantil, isso não seria uma razão para falar em estudantes a dar lições à classe operária. Não há dúvida, os promotores da EDE-"MRPP", apesar de se vestirem hoje de "marxistas-leninistas" e de "maoístas", não passam de vulgares intelectuais oportunistas que procuram a todo o custo, recorrendo a toda a demagogia "teórica", controlar o movimento operário e popular.

Também é interessante apreciar-se a concepção que os "reorganizativos" têm das relações entre o partido da classe operária e a sua organização comunista estudantil de massas. As organizações comunistas da juventude, organizações de massas do partido da classe operária, como o Komso-mol do Partido bolchevique, são viveiros do partido, escolas do comunismo, auxiliares do partido nas tarefas revolucionárias, aplicam a sua linha e são dirigidas por ele. Os "desbravadores", porém, tal como os revisionistas da chamada "UEC" agora criada por Cunhal, preferem a "independência". A sua organização estudantil não é dirigida pela organização operária, mas estabelece com ela uma "aliança militante" (Textos nº1, introdução; G.V. nº1, pp. 5 e 6). Isto é, partido e organização estudantil agem em pé de igualdade. Estas concepções orgânicas, tipicamente trotskistas, procuram igualmente pôr o movimento operário e popular a reboque dos estudantes ditos "conscientes", ou seja da burguesia radical baptizada pelos "desbravadores" como "vanguardas estudantis".

Os "desbravadores" da EDE-"MRPP" não podem, de maneira nenhuma, esconder a sua origem intelectual burguesa que nos sai constantemente à vista, nem mesmo a sua ascendência social de burgueses refinados. Com efeito, em "Luta Popular" nº2, p.5, os "desbravadores" escrevem: "Dezenas de pessoas, na sua maioria senhoras, ficaram feridas (...)" Sinceramente, com tanta "educação" a tratar as mulheres feridas, só meninos com mães "senhoras"... É com gente desta vestidura operário, assim como com "marxistas-leninistas" serôdicos que

colaboram em paródias anti-estalinista; que eles pretendem reorganizar o partido do proletariado, aliás também dos camponeses, militares, jovens, intelectuais, enfim, de toda a gente.

10.-Espontaneístas no movimento de massas

Como já vimos, os "desbravadores" da EDE-"MRPP" revelam concepções descentralistas nas organizações comunistas de massas da juventude. Não ficam por aí e, com mais "razão" ainda, caem na defesa do espontaneísmo em relação ao movimento de massas. E, para darem ao espontaneísmo uma caução, a constante da linguagem dos "desbravadores" do oportunismo "em rodagem" é o triunfalismo, tal como Cunhal o usa para caucionar o "próximo" "levantamento nacional". Basta ler o seu jornal "Luta Popular" para se deparar imediatamente com os maiores exageros em relação a pequenas lutas ou situações. "Deserções em massa", dizem eles que há (L.P. nº4, p.6)! Mas o triunfalismo destes sonâmbulos assume, por vezes, formas "poéticas" extraordinárias: "A partir do momento em que a iniciativa da luta passa ou começou a passar para o proletariado e para os seus aliados, a burguesia agita-se, perde a calma, identifica o inimigo com um leve mexer de folhas, treme com o miar dos gatos e com o bater das asas dos pássaros. Porquê? Porque o inimigo da burguesia deixou de estar localizado e isolado, deixou de estar de confortáveis e definitivas "fichas" da Pide; está em todo o lado e espreita atrás de cada porta entreaberta. E o pânico!" (idem, sublinhados nossos).

A burguesia portuguesa em pânico ante as massas populares sem tão pouco, segundo os próprios "reorganizativos", haver um "grande e forte" partido do proletariado! As análises "profundas" e "científicas" dos "desbravadores" não passam de poemas idealistas. Chama-se também a atenção para o facto dos nossos "desbravadores" considerarem a situação excelente e afirmarem que a iniciativa da luta pertence não apenas ao proletariado mas também aos seus aliados. Aqui, eles descobrem a careca mais uma vez, ao confessarem, primeiro, que, para eles, não é fundamental ao proletariado ser ele e só ele a ter a iniciativa da luta; segundo, que, hoje, lá para os seus lados, a iniciativa está nas mãos dos "aliados" do proletariado ou seja os estudantes radicais pequeno-burgueses.

Não há dúvida que a burguesia portuguesa atravessa uma

grande crise, a maior da sua história, e as suas perspectivas não lhe são nada sorridentes, apesar das declarações igualmente triunfalistas do governo fascista. Mas não está em pânico. Nem a classe operária ainda hoje possui forte o seu partido de vanguarda, o PCP (m-1), capaz de mobilizar as massas e organizar lutas importantes, arrancando-as totalmente à influência do revisionismo moderno e dos grupos radicais pequeno-burgueses, nem a própria luta da burguesia radical em Portugal atinge hoje proporções para provocar esse "pânico" de que falam os "desbravadores". Como ensina Mao Tsetung, o inimigo deve ser desprezado do ponto de vista estratégico, mas deve ser seriamente tomado em conta do ponto de vista tático. Embora dando às massas uma perspectiva optimista na luta, há que fazer da realidade uma análise objectiva, e não triunfalista como fazem os "desbravadores".

O triunfalismo dos oportunistas da EDE-"MRPP" revela-se também nas palavras de ordem que lançam às massas. Uma palavra de ordem deve visar um objectivo concreto que se situa numa situação concreta. Ela não deve frear o movimento de massas, como fazem habitualmente as dos revisionistas modernos, nem lançar a vanguarda em aventuras, como fazem frequentemente as da burguesia radical. Lançar palavras de ordem muito sonoras, muito "revolucionárias", mas que não correspondam ao estado organizativo e à temperatura do movimento de massas, é zurrar aos céus ou lançar os elementos de vanguarda em aventuras e desmobilizá-los. O resultado atingido é, assim, o mesmo do atingido pelas palavras de ordem dos revisionistas: a desmobilização da vanguarda e das massas. É o que fazem os "desbravadores" com as suas palavras de ordem triunfalistas e ultra-"revolucionárias". Exemplos? Primeiro: apelo a "manifestações de massa" sem tão pouco indicar local e hora (L.P. nº 3, p.4). Segundo: apelam para que, no 1º de Maio, "os camponeses chefiados pelos proletários rurais se organizem por todo o país indo buscar o pão ao celeiro dos ricos, fazendo marchas de fome e greves, lançando fogo às searas dos exploradores!" (idem, página 4).

Alguém acredita que estas palavras de ordem vão ser executadas sem haver organização no campo? Ninguém acredita, evidentemente, desde que tenha um mínimo de bom senso. Os nossos "desbravadores", "em rodagem", cinco meses depois de aparecerem como "reorganizativos do partido do proletariado", já lançam palavras de ordem aos camponeses. Trabalham depressa, não haja dúvida! Simplesmente, as suas palavras de ordem não são para serem executadas. Elas não

passam de frases sonoras que têm como resultado desmobilizar totalmente as massas que tocam, dado o seu carácter utópico, e lançar em aventuras (seguidas de desmobilização) os elementos mais combativos. São estes os benefícios da actividade política dos "desbravadores".

O espontaneísmo dos "desbravadores" revela-se também nas tarefas de organização que destinam a eles próprios. O documento "A Situação Actual e as Tarefas Táticas do Nosso Movimento" é riquíssimo nisso. Do princípio ao fim, esse documento aponta como tarefas imediatas aquelas que o não podem ser, dado que, para quem pretende reorganizar a sério o partido do proletariado, a tarefa central tem de ser o reagrupamento dos comunistas. Que fazem os "desbravadores? Diluem-se nas forças intermédias, pretendendo, enquanto são meia dúzia de gatos pingados, realizar um trabalho de massas de tal envergadura que só um partido já com certa força orgânica e ligação com as massas pode realizar. O facto de falarem nessas tarefas não quer dizer que as vão fazer. Apenas revela a demagogia de quem pretende apresentar-se como grandes activistas, em oposição ao PCP (m-1) que acusam de "esclerose" por, no fim de contas, não ser como eles que falam por falar.

No documento atrás citado, sem que tenham consolidada a sua organização "proletária", e reorganizado o seu partido "proletário", apontam como tarefa enquadrar a pequena-burguesia (p.8); falam dum "forte e enraizado" movimento anticolonialista (p.10); falam de comités sindicais, estruturas "profundamente enraizadas nas massas, (...) embrionárias de uma organização de sovietes por locais de trabalho" (p.9); querem organizar a juventude camponesa sem primeiro terem o partido — aliança operário-camponesa sem o partido do proletariado (p.10); etc., etc. Tudo isto é muito bonito, não haja dúvida. Mas como pôr em prática essas tarefas sem existir o seu organizador, o partido do proletariado? Apontar tais tarefas como actuais, em condições organizativas para tal, só pode chamar-se espontaneísmo e falar por falar. O PCP (m-1), apesar de reorganizado, não possui ainda sequer a capacidade organizativa que os "reorganizativos", sem ainda terem "reorganizado" o seu partido, já dão ares de ter. Enfim, cabe à burguesia radical pavonear-se e à classe operária repudiá-la.

Na sua imprensa, os espontaneístas da EDE-"MRPP" não dão nenhuma importância à reorganização do partido. "Luta Popular" é um jornal tipicamente dirigido às camadas intermédias e não à vanguarda operária. Não a chama à questão essencial, a reorganização do partido, mas apenas a lutas. Do nº1 ao 4 limitam-se a falar de lutas económicas e de lutas anti-imperialistas, misturando a sua prosa

com umas tantas palavras de ordem espontaneístas. Aliás, eles vêem a reorganização do partido para quando ^{ela} já não faria falta, pois falam na "radicação do M.R.P.P. nas amplas massas populares" ("A Situação Actual", p.12), isto é, apresentam o seu "movimento reorganizativo" a desempenhar o papel de Partido.

O espontaneísmo acaba, naturalmente, por assumir a forma de aventureirismo. Os "desbravadores", comentando uma manifestação, chamam as massas à "luta com o inimigo nas ruas" (L.P. nº2, p.8) para a próxima manifestação. Que significa lutar com o inimigo armado, em manifestações, senão expor o peito do povo às balas? As manifestações de rua tem interesse para consciencializar as massas e não como meio de luta. Pretender tal é aventureirismo. A luta armada tem de ser organizada fora de manifestações populares, e, assim que a luta popular assuma a forma armada, não haverá interesse nenhum em persistir em manifestações que, nesse momento, apenas vão fazer correr o sangue dos trabalhadores. E a luta armada, quando chegar a devida altura, também não assumirá a forma da chamada "guerrilha urbana" anarquista, que os "desbravadores" apresentam em "Guarda Vermelha" (nº1, p.1) como forma de luta da classe operária. Essa forma de "luta armada" glorificada pelos "desbravadores" não passa de terrorismo levado a cabo por anarquistas completamente isolados das massas, como sucede em França com a "Gauche Prolétarienne" e em Itália com organizações burguesas radicais idênticas.

E a essas organizações anarquistas (algumas das quais se dizem "maoístas"), nomeadamente à italiana "Lotta Continua", que os nossos "desbravadores" lusitanos vão copiar as ideias mais absurdas para as proporre às massas. "Recusemo-nos a pagar as rendas de casa!", dizem eles (L.P. nº5 p.8). Só meninos que são proprietários das casas onde habitam poderiam propor tamanho absurdo anarquista. Experimentem eles arrendar uma casa, substituíam a luta de massas pelas atitudes individualistas e verão o resultado...

O espontaneísmo, como sublinharam Lênine e Stáline, é a teoria do oportunismo que visa negar à classe operária a direcção do movimento revolucionário e desorganizá-lo. Ao preconizarem o espontaneísmo, os "desbravadores" da EDE-MRPP mostram mais uma das suas facetas de agentes da burguesia e do revisionismo no seio do movimento revolucionário.

11.- Espontaneístas na reorganização do Partido

As posições de princípio quanto à relação entre a teoria e a prática e quanto à relação entre a organização e a prática no seio das massas são duas questões que hoje distinguem os autênticos marxistas-leninistas dos novos empiriocriticistas e espontaneístas que se reclamam frequentemente do marxismo-leninismo. Em "Estrela Vermelha" nº 9, o PCP (m-1) já desmascarou as posições empiriocriticistas dos oportunistas d' "O Bolchevista" e d' "O Comunista" na posição que assumem quanto à relação entre a teoria e a prática, assim como o seu espontaneísmo na posição que assumem quanto à relação entre a organização e o trabalho no seio das massas. Já vimos também que os "desbravadores" da EDE-"MRPP", com a sua "rodagem política" donde nasceriam as "possibilidades organizativas e teóricas para o aparecimento dum novo Partido Revolucionário" (Doc. nº 11 da EDE, p. 16), caem igualmente no empiriocriticismo. Vamos ver em seguida como eles na questão da relação entre a organização e a prática no seio das massas, tal como os oportunistas d' "O Bolchevista" e d' "O Comunista", defendem posições espontaneístas que vão na mesma desembocar no empirismo.

A questão da relação entre a organização e a prática no seio das massas arrasta consigo uma outra que é a de saber como reorganizar o Partido Comunista e como edificá-lo. Que sucede com os espontaneístas em geral? Confundem a reorganização do partido com a sua edificação, e põem-se a reclamar para o núcleo reorganizador do partido tarefas que só competem ao partido já reorganizado, no período da sua edificação. Que sucede com os "desbravadores" em particular? Lançam umas tantas frases contra os ultra-espontaneístas. Mas não é pelo facto de dizerem "lá vai ladrão" sobre os ultra-espontaneístas que deixam de o ser também. Na realidade, como iremos ver, também eles confundem a reorganização do Partido com a sua edificação. Ao mesmo tempo, referindo-se ao CM-LP e sem o nomearem, atribuem-lhe posições que nunca teve.

Ao contrário do que os falsificadores da EDE - "MRPP" pretendem, o CM-LP nunca assumiu posições de isolacionismo em relação às massas. O CM-LP proclamou claramente: "Nós devemos refutar categoricamente a simples 'edição de textos de Lênine' e os 'aprofundamentos' como 'vias' para a reor-

ganização do Partido, abandonando totalmente o trabalho prático, e o seu corolário de desenvolvimento e consolidação orgânica. Tais ideias não podem senão sair da cabeça de intelectuais burgueses que vivem e pretendem continuar a viver completamente afastados da realidade e do movimento operário" ("Estrela Vermelha" nº 2, p.19). Ao mesmo tempo, o CM-LP combateu os espontaneístas que pretendiam "radicar-se nas massas" sem ainda terem o Partido reorganizado: "Só o trabalho do Partido (e não de Comités Comunistas isolados e trabalhando artesanalmente) poderia radicar-nos nas massas" ("Estrela Vermelha" nº 2, p.23). A principal função dos Comités Comunistas — acrescenta "Estrela Vermelha" — "não é a de penetrarem nas massas trabalhadoras e de se radicarem nelas (...)", mas sim reagruparem os comunistas para a reorganização do Partido." (idem, p.24).

Criticando os que vêem a reorganização do Partido apenas para quando se estiver radicado nas massas, isto é, nas vésperas da tomada do poder, "Estrela Vermelha" acrescenta: "Mas o facto de não colocarmos a radicação nas massas como condição necessária para a reorganização do Partido, não quer dizer que, até lá, os Comités Comunistas se entreguem a uma actividade meramente organizativa, fechados sobre si mesmos, alheios aos movimentos de massas e ao movimento político português, como pretendia a oportunista Rita. Não conseguirmos uma grande ligação às massas antes da reorganização do Partido é uma coisa (e mesmo depois, durante algum tempo), e não nos esforçarmos por obter alguma ligação, é outra coisa" (idem, p.24). É mais adiante: "Com efeito, onde há movimentos de massas, há problemas políticos concretos, aos quais o revisionismo dará a sua resposta e nós poderemos dar a nossa. Aí, se nos for possível estar presentes, não devemos perder a oportunidade de desmascarar o revisionismo, de obtermos alguma ligação às massas e até mesmo de desenvolvermos a nossa organização". Está bem clara nestas palavras a linha do CM-LP, que distingue o período da reorganização do Partido (em que o núcleo reorganizador apenas tem algumas ligações com as massas) do período da sua edificação (em que o Partido reorganizado luta pelo seu desenvolvimento orgânico e por se ligar às massas), assim como distingue a primeira fase da edificação do Partido (com fraca ligação às massas) das fases posteriores (em que vai adquirindo uma ligação às massas cada vez maior). É a definição clara de todo este processo de construção do Partido que permitiu ao CM-LP e permite hoje ao PCP (m-l), seguir uma linha justa e não cair nem no isolacionismo dos "aprofundadores" intelectuais, nem no aventureirismo e espontaneísmo dos "desbravadores" e outros.

Os "desbravadores" da EDE-"MRPP" fazem uma grande demagogia sobre a "relação dialéctica entre a teoria e a prática" (B.V. nº1, p.1), mas, na realidade, a sua linha despreza totalmente a linha leninista sobre a organização do partido. Ignorando que para realizar a aliança operário-camponesa é necessário primeiro possuir o partido da classe operária reorganizado, os "desbravadores" escrevem que o seu "programa de acção tática" com vistas a reorganizar o seu partido "é o plano de combate do proletariado, dos camponeses pobres, dos explorados e dos seus aliados para as batalhas a travar com vista à guerra que é a Revolução Popular" ("A Situação Actual e as Tarefas Táticas do Nosso Movimento" pp.2 e 7). Como se vê, eles confundem "dialécticamente" as tarefas com vista à reorganização do Partido com as tarefas de enquadramento das largas massas, que se colocam no período de edificação do Partido. Eles confundem a fase de desenvolvimento pacífico do trabalho com a fase de luta armada. E confundem o Partido de vanguarda do proletariado com a frente popular, onde de facto têm lugar o campesinato e os outros aliados do proletariado na revolução. Aqui vemos, mais uma vez, segundo os "desbravadores" os camponeses e outros aliados do proletariado a reorganizar o partido do proletariado, que deve ficar imensamente grato aos seus tão gentis aliados por esta amabilidade. Aliás, eles dizem claramente o que pretendem com o seu "movimento reorganizativo": "O MRPP é o núcleo de comunistas organizados que se propõem edificar o partido na prática" (L.P. nº6, p.19, sublinhado nosso). Para os "desbravadores" não é, portanto, o partido que se edifica a si próprio, mas sim um "núcleo de comunistas" que o edifica! Não há possível confusão de palavras.

Uma outra questão relacionada com a reorganização do Partido e com a sua edificação é saber qual o momento da criação da frente. A teoria marxista-leninista responde (e a própria experiência da FAP já o mostrou) que a frente só pode ser criada posteriormente à criação ou reorganização do Partido, já em certa fase de desenvolvimento da luta. Porém, os "desbravadores", que ousam criticar a FAP, não extraem da sua experiência as devidas lições. No Documento nº11 da EDE haviam defendido que seria da frente da chamada "extrema-esquerda" que sairiam "os embriões do novo Partido Comunista" (p.16). Agora, tomam uma posição muito mais subtil, mas não menos oportunista. Dizem os "desbravadores" que "no decurso do nosso [deles] trabalho de reorganização do PRPP" ("Partido Revolucionário do Proletariado Português") aparecerá "necessariamente" a própria constituição da : FRENTE REVOLUCIONÁRIA ("A Situação Actual", p.11). Aqui temos, em duas variações de estilo literário, a teoria castrista e trotskista de construir o partido

a partir da frente ou ao mesmo tempo que ela. Do ponto de vista político, isto tem como consequência negar ao partido da classe operária o seu carácter de vanguarda.

A confusão que vai na cabeça dos "desbravadores" do oportunismo "em rodagem" não é pequena. Por um lado, pretendem dirigir-se já neste momento às largas massas populares tendo definido como etapa da revolução a democracia popular. E ao mesmo tempo, no seu órgão central, que dizem dirigir às largas massas, falam em ditadura do proletariado, em socialismo e em comunismo. Então que quer dizer definir a etapa da revolução como democrática-popular? O PCP (m-l), assim como ontem o CM-LP, na sua propaganda para as massas, se fala em ditadura do proletariado, em socialismo e em comunismo é porque a dirige neste momento à fracção mais avançada da classe operária, explicando-lhe a estratégia da nossa revolução, a hegemonia do proletariado e o objectivo final. Neste momento em que é preciso centrar todos os esforços no reagrupamento dos comunistas portugueses, a tática do PCP (m-l) é absolutamente correcta. Que fazem os "desbravadores"? Dirigem-se (ou dizem dirigir-se) aos camponeses, falando-lhes em ditadura do proletariado, socialismo, comunismo... Registe-se, pois, mais esta concepção trotskista.

12.- O crepúsculo da "teorização" dos "reorganizativos"

Os "desbravadores", sob pretexto de fazerem uma "rodagem política", defenderam as teorias trotskistas, mais absurdas e, depois de vestidos de "reorganizativos", sob a cobertura do "estudo sistemático e profundo", brindam-nos com as mais vulgares charlatanices "teóricas". Caindo do céu, aparecem repentinamente, sem dizerem onde estiveram antes de Dezembro de 1970. E começam logo a acusar o CM-LP de "dogmatismo", e outros agrupamentos de espontaneístas (sem se verem ao espelho, claro). Segundo eles, até ao seu aparecimento tudo foi trevas. Mas eis que chega o "MRPP" a trazer a luz. Que belo poema!

Acusam o CM-LP, e depois o PCP (m-l), de "dogmatismo". Claro! Todo o revisionista, não lhe convindo a teoria marxista-leninista, acusa os seus defensores de "dogmatismo". Stáline não é, para os revisionistas, um "dogmático"? Mao Tsetung não é, igualmente para eles, um "dogmático"? Lénine, para Trotski e Kautski, não era, igualmente, "dogmático"? Também o PCP (m-l), perante a onda revisionista com

vestes de "esquerda", é "dogmático". Ser atacado pelo inimigo é bom sinal, o mau seria se os detractores do marxismo-leninismo e do maoísmo não se atacassem.

Como definem eles a teoria? "O marxismo-leninismo e a teoria tática e estratégica da Revolução — escrevem eles — são o resumo constante da prática da luta quotidiana" (B. V. nº1, p.3). Quer dizer, a teoria marxista-leninista não é o tesouro deixado por Marx, Engels, Lênine, Stáline e Mao Tsetung; para eles, a teoria tira-se da "prática da luta quotidiana". Para eles, a estratégia não é definida previamente, é tirada da "prática da luta quotidiana". Mas que análises fazem os nossos "desbravadores" que, afinal, não vão servir para nada, pois é da "prática da luta quotidiana" que brota a estratégia! Assumindo aqui uma posição empirista, ao lado dizendo que o estudo teórico é fundamental, os "desbravadores" dão um perfeito exemplo de ecletismo e de quanto a sua escrita não passa de frases sonoras para agarrar os papalvos.

Em "Bandeira Vermelha" nº 1 fazem uma grande demagogia à volta da teoria marxista-leninista que não seguem, e escrevem que "lançar mãos a um grande trabalho de estudo teórico e de formação de quadros políticos proletários da revolução é a tarefa urgente e principal, absolutamente indissociável da luta pela denúncia e isolamento do reformismo e do revisionismo." (p.3, sublinhado deles). Discordando de que a tarefa principal seja o estudo teórico, assinalamos que, passado quase um ano, haviam-se limitado em "Luta Popular", a falar de lutas reivindicativas e anti-imperialistas e nunca mais publicaram "Bandeira Vermelha", seu órgão "teórico". E aparecem então no nº5 de "Luta Popular", em editorial, com uma espécie de redescoberta da luta ideológica. Mas continuamos a não ver nada. Reclamando-se de "marxistas-leninistas" e havendo em Portugal outras organizações e o nosso Partido a reclamar-se do mesmo, é estranho que essa luta ideológica contra aqueles que os "desbravadores" consideram oportunistas não apareça. Isto mostra bem a sua incapacidade teórica, escondida por detrás de "dialécticas" e "aprofundamentos" de intelectuais burgueses desorientados "em rodagem".

O único número de "Bandeira Vermelha" que até há pouco tinha saído, é, quase na sua totalidade, composto por um historial do PCP, onde os "desbravadores" mostram bem a sua "capacidade de análise histórica". Para eles, o anarco-sindicalismo é a fonte de "todos os oportunismos" (B. V. nº1, p.4). Isto não é mais do que explicar tudo não explicando nada. Com efeito, uma coisa é a influência que o

anarco-sindicalismo teve nas massas, e outra é o oportunismo que, em certos períodos, dominou o PCP e que os "desbravadores" apresentam como uma doença fatal e inevitável, determinada por factores objectivos implacáveis. É assim que invocam "o atraso do capitalismo português até à 2ª guerra, com uma diminuta base industrial" (B.V. nº1, p.4) e "o carácter artesanal e disperso da indústria e do operariado" ("A Situação Actual", p.6) como "razão do predomínio político da pequena-burguesia na direcção do movimento operário português" (B.V. nº1, p.4). Explicar o domínio da burguesia no movimento operário pela quantidade de proletários, desprezando totalmente os factores subjectivos, que é isto senão objectivismo burguês? Como explicam então os "desbravadores" que, na China, com muito menos proletários em relação à pequena-burguesia do que em Portugal, o proletariado tenha dirigido vitoriosamente a revolução? Com as suas "explicações" fáceis e economicistas, eles não poderão encontrar uma resposta airosa para esta questão que lhe pomos, o que, mais uma vez, ilustra a falência dos seus estudos "profundos", "científicos" e "dialécticos".

Eis-nos chegados ao final dum revista a mais outro destacamento do exército da burguesia que tenta penetrar no campo do proletariado. A luta contra este destacamento neo-revisionista, eclético de trotskismo, espontaneísmo, revisionismo moderno, etc., assim como contra todos os outros inimigos do marxismo-leninismo, é das tarefas mais importantes que se colocam hoje ao nosso Partido. Demolir o revisionismo cunhalista e o espontaneísmo é a tarefa que o nosso Partido saberá levar a cabo sem desânimo.

1. Sobre autocrítica, diz Lênine que "A atitude de um partido político perante os seus erros, é um dos critérios mais importantes e mais seguros para se julgar esse partido é sério e se cumpre realmente os seus deveres para com a sua classe e as massas trabalhadoras. Reconhecer ~~o~~ o seu erro, descobrir-lhe as causas, analisar a situação que o provocou, examinar atentamente os meios de corrigir este erro, eis o que caracteriza um partido sério, eis o que se chama cumprir os seus deveres, educar a classe e depois as massas. ("Esquerdismo, Doença Infantil do Comunismo").

2. Poder-se-ia elaborar uma longa lista de palavras e expressões iguais ou semelhantes usadas nas publicações da EDE e do "MRPP" apesar do esforço que fizeram quando ~~muda-~~ muda-ram de nome para disfarçar o seu radicalismo pequeno-burguês por detrás de uma linguagem marxista. Mas, mesmo quando abandonaram algumas expressões que usavam enquanto EDE, de um conteúdo descaradamente reaccionário e as substituíam por outras, continuavam a ver-se, por detrás das novas fórmulas, as mesmas teorias antimarxistas-leninistas defendidas pela EDE. Para dar um só exemplo, eles que na EDE adoptavam a expressão antimarxista de "correntes da extrema esquerda", substituem-na no "MRPP" por "vanguardas" (no plural), cujo conteúdo é exactamente o mesmo da expressão anterior. Na realidade, só existe uma vanguarda, tal como só existe uma classe operária, ou uma burguesia. Essa vanguarda pode é ser influenciada por diversas correntes políticas, assim como parte dos seus elementos podem estar organizados em diversas organizações, mas a vanguarda continua a ser só uma.

3. Sobre os "vanguardistas", ver "Na Vanguarda do Oportunismo e da Trapalhice" ("Edições do Partido" nº19), "A Propósito duma Provocação do Grupo "A Vanguarda" ("Edições do Partido" nº26) e no cap.3 do Manifesto "Abaixo o Oportunismo em Todas as Suas Formas! Viva o Marxismo-Leninismo!" ("Edições do Partido" nº 40).

4. Eles chegam mesmo a copiar os esquemas, os títulos dos capítulos e o conteúdo de artigos inteiros. Assim o editorial do nº1 (Junho de 1971) de "Guarda Vermelha", órgão da FE"ML" é a cópia mais descarada do artigo "A Revolução e a Luta dos Estudantes" publicado no nº5 de "Servir o Povo" (Fevereiro de 1971).

O «PODER DUPLO»

— UMA ABERRAÇÃO TROTSKISTA PERFILHADA PELO "MRPP" —

Actualmente, ao mesmo tempo que os revisionistas modernos se ocupam em ~~semer~~ entre as massas populares a ilusão da "transição pacífica para o socialismo", e da "via eleitoral", os trotskistas do "MRPP" mostram a toda a gente em que águas navegam, ao gritar aos sete ventos que "é na fábrica (...) que os proletários devem combater a exploração" e que "é na escola que os estudantes (...), impondo um ensino verdadeiramente popular". Perante esta mistificação acerca dos mecanismos de domínio da burguesia e do papel do Estado capitalista, é útil e actual relembrar aqui o que, sobre estas questões, nos ensina o marxismo-leninismo.

Os ensinamentos de grande valor científico que Marx e Engels extraíram da experiência da Comuna de Paris, o estudo actualizado que fez sobre essa mesma questão Lênine na sua obra fundamental "O Estado e a Revolução", e ainda os escritos de Mao Tsetung baseados na experiência da revolução chinesa, põem em relevo de forma inequívoca a necessidade da destruição do aparelho de Estado burguês através da violência revolucionária, e que só depois de destruído dessa forma o poder estatal da burguesia, se po-

de criar o Estado proletário, a ditadura do proletariado.

A teoria trotskista do "poder duplo" deturpa alguns escritos de Lênine nas vésperas de Outubro de 1917. Dizia então Lênine:

"As armas estão agora nas mãos dos soldados e dos operários, e não nas mãos dos capitalistas".

"Esta situação entrelaçou, num todo, duas ditaduras: a ditadura da burguesia... e a do proletariado e dos camponeses, o soviete, que se apoia indubitavelmente na maioria absoluta do povo, nos operários e soldados ARMADOS".

É evidente, portanto, que uma situação deste tipo não podia durar muito, pois que as massas revolucionárias estavam armadas e em situação de revolução aberta. Lênine vincava que se tratava de uma situação "excepcional", "extraordinariamente peregrina", e que duraria necessariamente pouco tempo. É de assinalar que, dois meses antes de Lênine ter escrito estas linhas, as massas populares tinham-se sublevado e tinham pegado em armas, enquanto que o Estado burguês se encontrava completamente quebrantado pela guerra interimperialista. É ao mesmo tempo que explicava pelas condições particularíssimas dum dado momento da revolução russa a existência transitória de um "duplo poder", Lênine apontava claramente em "O Estado e a Revolução" que "a libertação da classe oprimida é impossível, não só sem uma revolução violenta, como também sem a destruição do aparelho do poder estatal que foi criado pela classe dominante..."

Foi em 1938 que Trotski precisou no seu "Programa de Transição da IV Internacional" a sua teoria do "poder duplo". Segundo esta "teoria", o proletariado pode ir construindo através da sua luta o poder operário, "obrigando a burguesia a aceitar o controle operário nas fábricas".

Esta concepção absurda visa liquidar o movimento revolucionário, fazendo-o perder-se em lutas parciais e atomizadas em torno da ilusória miragem da "conquista" de baluartes "populares" sob o marco do capitalismo. Na sociedade burguesa, o "controle operário" de que falam os trotskistas não pode significar mais do que a "participação" dos trabalhadores na gestão das fábricas, o que não passa da velha ânsia reformista de integrar os operários na boa marcha das empresas capitalistas; na realidade, outro conteúdo não poderia ter esse utópico "poder operário", uma vez que o Estado burguês, com todo o seu arsenal técnico, militar e policial continua sem uma beliscadura. Com ele a burguesia esmaga, sempre que julga conveniente, estas "construções do socialismo", seja na fábrica, na escola ou no quartel.

É inegável que esta "teoria", no fundo, em pouco ou nada se distingue da concepção revisionista da "transição pacífica para o socialismo". Uma e outra se pretendem justificar no facto de que a correlação de forças se modificou a favor do proletariado. Mas ambas "esquecem" o princípio (que a classe operária aprendeu à custa de duras experiências históricas) de que a ferocidade da reacção aumenta até ao limite quando cresce a luta popular, quando ela vê a sua existência em perigo. A própria legalidade capitalista se esfuma num ápice, quando necessário, dando lugar à violência mais desenfreada, à repressão a ferro e fogo do processo revolucionário.

Perante isto torna-se mais que evidente que sem o recurso à guerra popular revolucionária que destrua as forças vivas do inimigo — o seu aparelho de Estado — nunca o povo se emancipará.

Como assinala o Programa do Partido Comunista de Portugal (marxista-leninista), fazer a revolução é a única via para os proletários se libertarem da escravidão assalariada, libertando ao mesmo tempo todos os trabalhadores da cidade e do campo.

extraído do órgão da União dos Estudantes Comunistas (marxista-leninista), "Servir o Povo", nº 10, de Julho de 1972.

- 15 - Combater o Chauvinismo Imperialista É a Base duma Efectiva Solidariedade com os Povos das Colónias
- 16 - Isolar e Aniquilar os "Sindicatos" Fascistas
- 17 - Tracemos uma Linha de Demarcação extremamente Clara entre Marxistas-Leninistas e Revisionistas
— Documento de Crítica ao Castrismo
- 18 - Só o Trabalho Comunista Pode Conduzir à Reconstrução do Partido
- 19 - Na Vanguarda do Oportunismo e da Trapaalhice — Guia Prático para Melhor Compreender a Brochura dos "Vanguardistas"
- 20 - Acerca do Afundamento do Partido Revisionista e das Suas Tábuas de Salvação
- 21 - Lutemos Contra os Espiões e Provocadores — Breve História de Alguns Casos de Provocação no P.C.P. (1ª edição 1952)
- 22 - Lénine: Sobre o Partido Revolucionário de Tipo Novo
- 23 - Lénine: Por Onde Começar? seguido de Os Objectivos Imediatos do Nosso Movimento
- 24 - Revisionismo em Nova Embalagem — A Burguesia Radical do Jornal "O Comunista" Faz Concorrência ao Revisionismo de Cunhal
- 25 - Resposta à Manobra Provocatória da E.D.E.
- 26 - A Propósito duma Provocação do Grupo "A Vanguarda"
- 27 - P.C.C. : Proposta Sobre a Linha Geral do Movimento Comunista Internacional
- 28 - P.C.C. : A Origem e Evolução Entre a Direcção do P.C.U.S. e Nós
- 29 - P.C.C. : É a Jugoslávia Um País Socialista?
- 30 - P.C.C. : Apologistas do Neocolonialismo
- 31 - P.C.C. : Duas Linhas Diferentes no Problema da Guerra e da Paz

- 32 - P.C.C. : Coexistência Pacífica — Duas Linhas Diagonalmente Opostas
- 33 - Sobre a Luta Estudantil
- 34 - A Revolução e a Luta dos Estudantes
- 35 - Proclamação-Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos
- 36 - Mao Tsétung : Stáline, O Amigo do Povo Chinês, seguido de A Amizade é tão Profunda
- 37 - Lénine : Frederico Engels
- 38 - Lénine : Marxismo e Revisionismo
- 39 - Mao Tsétung : Citações
- 40 - Abaixo o Oportunismo em Todas as Suas Formas!
Viva o Marxismo-Leninismo!
- 41 - Os Desbravadores "Em Rodagem" da EDE-"MRPP"
- 42 - Resposta a Fidel de Castro por Óscar Zamora (Secretário Geral do Partido Comunista da Bolívia)



EDIÇÕES DO PARTIDO

- 1 - Programa do Partido Comunista de Portugal (m-1)
 - 2 - Estatutos do Partido Comunista de Portugal (m-1)
 - 3 - Informe Sobre a Actividade da Comissão Central do Comité Marxista-Leninista Português
 - 4 - Informe Sobre as Emendas ao Projecto de Programa
 - 5 - Informe Sobre as Emendas ao Projecto de Estatutos
 - 6 - Informe Sobre a Actividade da União dos Estudantes Comunistas (marxista-leninista)
 - 7 - Informe Sobre o Movimento Comunista na Europa
 - 8 - Manifesto do V Congresso (reconstitutivo)
 - 9 - Luta Pacífica e Luta Armada no Nosso Movimento
 - 10 - A Expulsão dum Membro do C.C. do P."C".P.
 - 11 - O Abandono da Aliança Operário-Camponesa — Expressão do Abandono da Revolução
 - 12 - Luta de Classes ou "Unidade de Todos os Portugueses Honrados"?
 - 13 - A Propósito do Socialismo Burocrático e Autoritário
 - 14 - A Unidade em 1944-49 : Uma Experiência Actual
-

EDIÇÕES DO PARTIDO

Nº 41

PARTIDO COMUNISTA DE PORTUGAL (marxista-leninista)

Preço: 3\$50